

SIVALDO BARBOSA



Pimenta da Veiga encabeça a lista dos dissidentes do PMDB

Sarney quer formar bloco de sustentação

O presidente José Sarney não pretende, a curto prazo, criar um partido político para dar base de sustentação ao seu governo, mas vai tentar formar um bloco parlamentar, a partir dos 304 constituintes que votaram no mandato de cinco anos para os futuros presidentes da República.

A orientação foi transmitida ao assessor especial para as-

suntos políticos da Presidência, Thales Ramalho, que a partir de agora vai lutar para manter unidos os 304 parlamentares, para garantir também a duração do seu mandato em cinco anos, além de dar sustentação aos projetos de leis do Poder Executivo.

Formar um partido político atualmente, no entender de Sar-

ney é muito difícil, porque não existe ainda uma definição definitiva dos rumos políticos do País. Por isso, é preciso manter um grupo unido, embora os parlamentares pertençam a partidos diferentes.

O presidente Sarney pode começar a partir de hoje, quando recebe sete parlamentares, a pregar a sua idéia.

Começa a reformulação partidária

Encostado à parede lateral esquerda do plenário da Câmara dos Deputados, com a face contraída e sobrececho cerrado, o líder do PMDB na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro exprime todo o trauma que domina a ala ortodoxa de seu partido, conversando informalmente com o deputado Fernando Santana (PCB/BA) a respeito do drama vivido pelos que têm compromisso com a história da legenda em momento de tanta fermentação.

"Isso é totalitarismo", reagia o deputado Carlos Sant'Anna, líder do Governo na Câmara, diante da informação de um repórter de que a bancada do PMDB da Bahia já não considera ele, o ministro Prisco Viana e os deputados Milton Barbosa e Jorge Viana como companheiros. Reunida em almoço com o governador Waldir Pires, com 22 parlamentares presentes, a bancada baiana pediu a Waldir que comande a oposição ao governo Sarney.

Pela manhã, já era visível a inquietação no PMDB diante do resultado esmagador em favor do presidencialismo e cinco anos de mandato. Os senadores Ronan Tito (PMDB/MG) e Mansueto de Lavor (PMDB/PE) solicitaram ao líder Fernando Henrique Cardoso a convocação da bancada para reunião a fim de formalizar o rompimento com o governo.

Cardoso, que ainda não fixou a data para a realização da reunião, disse a seus assessores que só tomará uma decisão, sobre se deixará ou não o partido, depois que ouvir os seus companheiros da bancada do PMDB no Senado. Ele passou todo o dia de ontem em reuniões com Mário Covas e em telefonemas para vários senadores e deputados.

Waldir Pires marcha para uma posição de combate ao governo, conforme acertou no almoço que teve com os 22 parlamentares da bancada baiana, na representação do governo em Brasília (edifício da Ceplac). Mas já ponderou que, antes de tomar a decisão, precisa ouvir os deputados estaduais do PMDB e lideranças nacionais do partido.

Presentes parlamentares de destaque, como os senadores Luis Viana Filho, Jutahy Magalhães e Ruy Bacelar, a bancada baiana disse a Pires que o PMDB está irremediavelmente cindido, o que se reflete no escore de votação do mandato (148 a 148), havendo necessidade de

lutar pelo domínio do partido, não de abandonar agora os seus quadros.

O senador Jutahy Magalhães sustentou que o partido devia comandar a volta às ruas para sustentar a luta pela realização de eleições diretas em 88, preparando-se, ao mesmo tempo, para disputar com os que se alinharam com o governo, o controle do partido na convenção nacional que se realizará em junho para renovação do diretório nacional.

A posição da bancada baiana, segundo Jutahy, é a de aceitar o desafio lançado pelo deputado (conservador) Roberto Cardoso Alves, que dizia ontem: vamos apressar a limpeza no PMDB. Sair dos quadros do partido, como fizeram ontem o deputado Pimenta da Veiga e sete de seus companheiros, é considerado um erro pelo governador Waldir Pires e seus aliados da bancada baiana.

O senador Mário Covas pensou em sair, mas decidiu continuar na liderança do PMDB na Constituinte pelo menos até o fim do trabalho de elaboração da nova Carta, diante do argumento de muitos peemedebistas históricos de que abandonar o partido agora equivaleria a entregar aos adversários um posto estratégico para sua livre manipulação.

O deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, sustentava que o presidente Sarney precisa fazer a reforma ministerial com urgência e formar novo governo dentro de um projeto deliberado para estimular a formação de novo grande partido de centro, "este sim majoritário", aproveitando a base que se formou na votação do presidencialismo com cinco anos.

Ministro prevê o fim do PMDB

"É hora de o PMDB promover uma festa de confraternização e se extinguir". O desabafo melancólico foi feito ontem pelo ministro da Saúde, Borges da Silveira, peemedebista ligado ao Centrão, que previu a divisão de seu partido em pelo menos três agremiações. Borges da Silveira já escolheu até o nome do partido para o qual pretende ir, caso o PMDB rache mesmo: Partido Democrático Liberal, que seria formado pelas forças de centro do PMDB.

O ministro da Saúde lembrou que há 25 anos o deputado Ulysses Guimarães tenta segurar o partido. "Fica com uma perna lá e outra cá, unificando o PMDB, mas não dá mais", reconheceu. A causa do racha, para ele, é o crescimento do partido, "que aglutinou forças de várias tendências ideológicas".

Quércia sobe e Ulysses cai na corrida ao poder

MARILENA DEGELO
Da Editoria de Política

A candidatura mais prejudicada com a definição da Constituinte pelo sistema presidencialista e o mandato de cinco anos — o que deverá contribuir o na votação das disposições transitórias, para o adiamento das eleições presidenciais para o ano que vem —, é a do presidente nacional do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães. Esta é a constatação de todos os líderes e dirigentes de partidos na Constituinte, que vian na realização do pleito este ano a última chance do deputado concorrer e vencer a disputa pela sucessão do presidente José Sarney.

Já as candidaturas de governadores do PMDB, principalmente a de Orestes Quércia, poderão ser favorecidas. Com o desgaste que o partido sofreu no decorrer deste último ano pelo fracasso das medidas econômicas do governo, as previsões dos partidos de oposição eram de que o candidato peemedebista encontraria dificuldades para derrotar fortes concorrentes, como o ex-governador Leonel Brizola (PDT) e o empresário Antônio Ermírio de Moraes (PTB).

O líder do partido de Leonel Brizola, Brandão Monteiro, não admira ontem que o provável adiamento das eleições para o ano que vem poderia enfraquecer a candidatura do ex-governador do Rio de Janeiro. Ele preferia acreditar que seria possível, através de uma mobilização popular, como a da campanha pelas diretas-já, realizada em 1984, levar a Constituinte a reduzir o mandato de Sarney e promover eleições ain-

da este ano. "Vamos insistir nos quatro anos porque tememos que a crise se alastre e não chegemos a 89. Agora, mandato de cinco anos é fatal para Ulysses. Brizola não sofre qualquer perda" — analisou Brandão.

O líder do PTB, Gatone Righi, por sua vez, vê fortalecida a candidatura de Antônio Ermírio, porque terá mais tempo para estruturar o partido a nível nacional, com ampliação da bancada federal de 29 para 40 deputados a partir do ingresso de pedessistas e peemedebistas. Mas, de qualquer forma, ele acha que Ermírio ganharia: "O PMDB apanharia este ano porque estaria no auge a contestação popular e totalmente desconjugado em consequência do descrédito do governo José Sarney" — avaliou Righi, admitindo que daqui a um ano e meio o PMDB poderá se reestruturar.

Embora nunca tenha visto a candidatura de Leonel Brizola como perigosa, o líder do PTB acredita que se as eleições forem esse ano o confronto com ele ficará mais difícil, porque as outras candidaturas não estarão tão estruturadas. Ainda crendo nos quatro anos para Sarney, o presidente do PT, Olívio Dutra, acha que a candidatura do deputado Luís Inácio Lula da Silva torna-se mais viável este ano com a derrota do sistema parlamentarista, que a seu ver fortaleceria os candidatos do PMDB.

O senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), apesar de vitorioso com a aprovação do presidencialismo com cinco anos, ainda não quer avaliar o desempenho que sua candidatura, ou qualquer outra de seu partido, poderá ter no caso de as eleições ficarem mesmo para 1989. "Prefiro esperar as decisões da vota-

ção das disposições transitórias para saber se as eleições serão este ano ou no próximo. Se for só em 1989 teremos tempo de discutir as candidaturas dentro do partido". Além dele, o ex-governador paulista Paulo Maluf continua presidencialista pronto para entrar em campanha.

O ex-governador Franco Montoro também perde com a fixação do mandato de cinco anos, mas principalmente com o sistema presidencialista. Ele era o candidato do PMDB com melhores condições de vencer no parlamentarismo. Em primeiro lugar, porque teria o deputado Ulysses Guimarães — provável primeiro-ministro se fosse implantado o novo sistema — afastado da disputa este ano. Embora insista, as eleições em 1989 o tiram do páreo devido aos seus 71 anos de idade e ao avanço da candidatura do governador Orestes Quércia, seu sucessor no Palácio dos Bandeirantes.

Quércia, por sua vez, terá mais dois anos para utilizar a máquina administrativa do Estado mais rico e que reúne o maior número de eleitores do País, para fortalecer a sua candidatura. Possui ainda a seu favor quase toda a base do PMDB, conquistada com a organização dos prefeitos e vereadores na Frente Municipalista, que preside desde o tempo que era vice-governador. Outro ponto favorável à sua candidatura é o trabalho que desenvolveu nos últimos dias pela aprovação do sistema presidencialista com cinco anos. Além de conquistar o apoio do presidente José Sarney, tem a seu lado o presidente da Fiesp, Mário Amato, e boa parte do empresariado paulista.